

N.º 191 — Lisboa, 18 de Maio

8.º
ANNO
1907

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50
Proprietario e director — Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num., 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 35000 rs.
Semestre, 26 numeros 15000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . . . 25000 rs.
Cobrança pelo correto 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros . . . 35000 rs.

Composição e impressão

“A EDITORA,,

L. do Conde Barão, 50

Ordem do dia

J. Q.

José Queiroz — o auctor do
novo livro “Ceramica portu-
gueza”,

Artista, amator, collec-
cionador. Alma d’antiquario.
Trigueiro.

Forte.

Olho pequeno, prescruta-
dor, perguntador.

Monoculo.

Tendo feito infinitas coi-
sas, faltava-lhe fazer um li-
vro. — Fez uma biblia.



Ribeiro de Carvalho

DOLORES

Este poema, que em Portugal e no estrangeiro obteve em tempos um ruidoso successo litterario, acaba de ser agora novamente publicado, em uma grande edição de luxo, com um extenso estudo de Abel Botelho, illustrações de Afredo Migueis e impressão a côres.

Fôrma um precioso volume verdadeiramente encantador, pois á sua leitura, empolgante e de uma commoção ardente, junta-se agora a belleza extraordinaria da edição — uma das mais primorosas que teem sahido de livrarias portuguezas.

Preço, 500 réis fortes

“A EDITORA”

50, LARGO DO CONDE BARÃO — LISBOA

A' venda em todas as livrarias e em casa de todos os correspondentes da «A EDITORA»



AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR

Romance de Julio Diniz



Grande Edição de Luxo
com Illustrações de
Roque Gameiro
“A EDITORA”

ASSIGNATURA PERMANENTE
CONDE BARÃO-50 - LISBOA



AVISO

Na administração da *Parodia* recebe-se qualquer collaboração artistica, podendo todo aquelle que verificar que o seu trabalho mereceu a publicação no nosso semanario, receber na referida Administração a remuneração que lhe fôr conferida.

Jeronymo Fernandes

CALLISTA DA CASA REAL

Extracção de callos e deseneravamento de unhas pelos mais modernos processos.

Consultorio luxuoso, installado recentemente.

Rua de S. Roque, 33, 1.º

LISBOA



N.º 191 — LISBOA, 18 DE MAIO

8.º ANNO 1907

PARODIA

FUNDADOR
RATHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 50 réis

Proprietario e director — Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num., 25000 rs.	Brazil, anno 52 numeros	15000 rs.
Semestre, 26 numeros	Africa e India Portuguesa, anno	25000 rs.
Cobrança pelo correio	Estrangeiro, anno, 52 numeros	35000 rs.
		5100 rs.

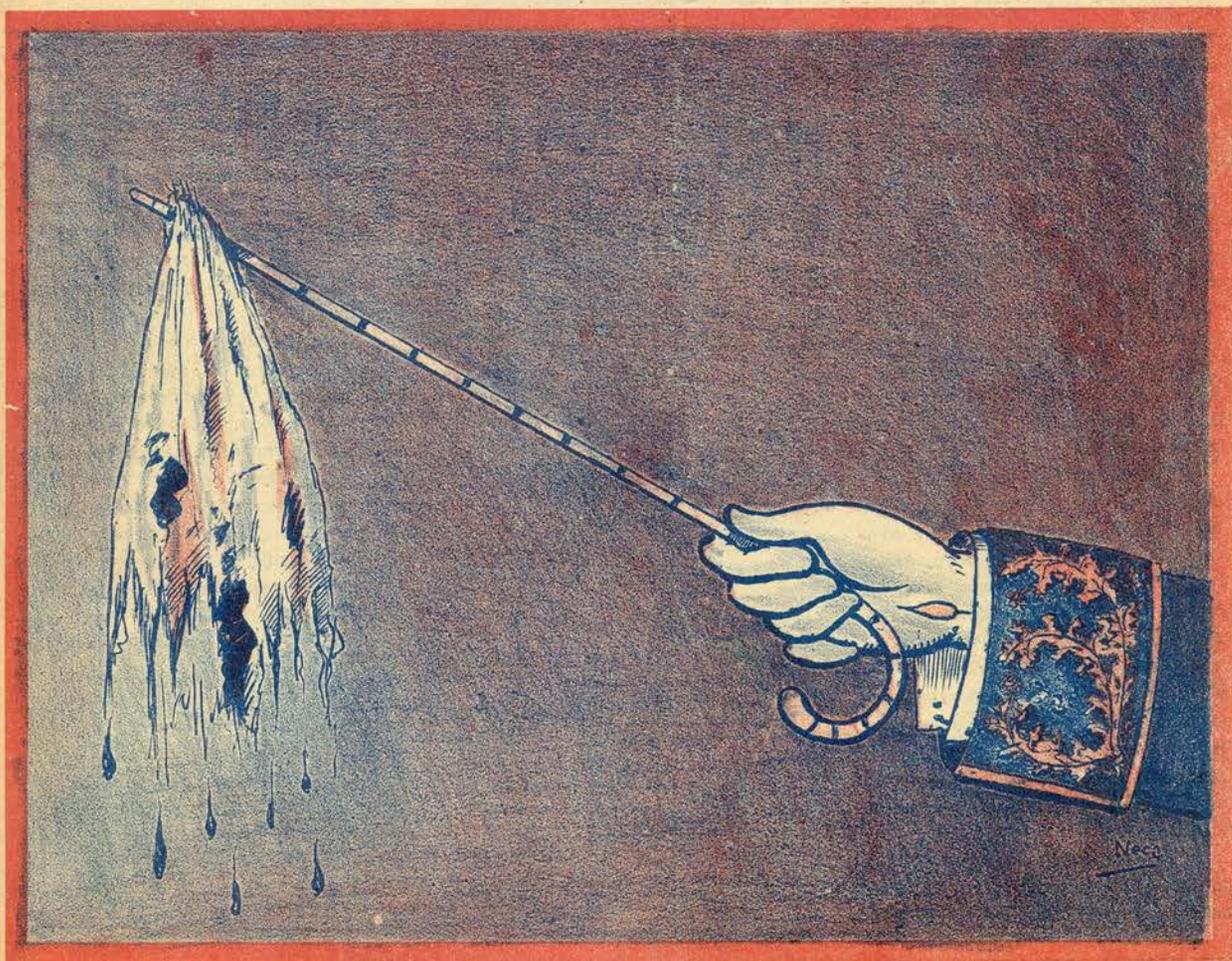
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50



A honra d'elle

ELLE!

Que logro!

Quando nos lembramos que estivemos por um triz a acreditar que elle faria a republica!

Mas tambem como não haviamos de lhe dar algum credito! Elle fallava com tanta sinceridade!

Todos, todos, sem excepção dos republicanos, se impressionavam, se commoviam. Os mais descrentes diziam — Vamos a ver o que elle faz!

Não era licito combatel-o desde que elle entrou no poder com o seu programma e principalmente com o seu verbo.

Os conservadores viam-n'o com maus olhos, mas não ousavam guerrear-o francamente. Bradava aos céus guerrear um homem assim! Os amigos do paiz (e amigos do paiz são todos aquelles que fazem votos, embora não façam mais nada, pelo paiz) davam-lhe o seu apoio moral, quando não iam á sucupa inscrever-se n'um ou n'outro centro regenerador-liberal.

Os republicanos perguntavam a si mesmos um pouco embaraçados, se elle não seria o homem que viria salvar a monarchia, e hesitavam antes de o combater, porque em summa, não é licito contrariar descaradamente os esforços de quem quer que seja, que se propõe salvar seja o que fôr.

Todos estavam de accordo em que a monarchia tyrannisava. Elle proclamava o imperio da liberdade, custasse o que custasse, doesse a quem doesse.

Todos estavam d'accordo em que os partidos eram a causa dos males patrios. Elle declarou a guerra aos partidos.

Todos estavam d'accordo em que a opinião não tinha voz e o suffragio era um hediondo sophisma. Elle invocou a supremacia da opinião, declarou ser impossível governar sem ella, promptificou-se a inclinar-se perante a sua vontade soberana.

Todos estavam de accordo em que a administração conservadora era um escandalo. Elle verificou o escandalo, fez mesmo a proposito uma phrase, comparou-se a um raio de sol «na noite caliginosa» da publica administração.

Os republicanos encontravam-se fóra da lei, eram perseguidos como huguenotes, roubados nas eleições, escorra-

çados do parlamento, espancados na praça publica e todos estavam d'accordo em que os republicanos não eram herejes e tinham direito á vida. Elle abundou n'estes principios, declarou mesmo aspirar ao poder, não para combater os republicanos, mas para fazer a sua obra, «caçando no seu terreno», e, assim que foi governo, apressou-se a passar em plena camara dos pares, folha corrida ao partido republicano reconhecendo-o como uma força social, com a qual de futuro era mister contar.

N'uma palavra, o seu programma era, o de toda a gente. Combatia os partidos da rotação e nem mesmo estes lhe recusavam o seu concurso. Os regeneradores depunham as armas, os progressistas davam-lhe a mão.

Que mais queria o paiz? perguntava-se. Liberdade, respeito á lei, tolerancia, boa administração... Era o paraizo!

Certo, aqui e ali, atiravam-lhe á cara com o seu passado—o seu ominoso passado! Recordavam-lhe a lei de 13 de fevereiro, a dictadura e o seu antigo sestro autoritario, mas como recriminal-o por estes factos, se era elle o proprio quem os repudiava, reconhecendo-os como crimes, reconhecendo-se criminoso e batendo contractivamente no peito. Aqui está, por exemplo, o que elle disse na sessão da Camara dos Pares: «Confesso o meu erro: Pratiquei a dictadura, que é um crime constitucional, que não beneficiou o paiz e de que estou arrependido. Convenci-me de que, para ser util ao meu paiz, precisava de pôr de lado o meu antigo modo de pensar e de adoptar outra conducta.»

Que demonio! Não era licito duvidar raucorosamente da sinceridade de um homem que fallava assim! Este procedimento não estava nos habitos dos politicos portuguezes. Era uma coisa inteiramente nova. Na realidade era uma conversão. O antigo despota fazendo publica profissão de fé libera! apparecia como um milagre da liberdade.

O franquismo rejubilava, orgulhoso com o seu homem. O paiz considerava estes successos com curiosidade, visivelmente intrigado, mas cedendo á sympathia.

No entanto, havia sempre quem duvidasse—de pé atrás com elle. Pisava-se, repisava-se o seu passado. Os seus intimos de Coimbra e das caçadas aos gatos, diziam:— Esperem-lhe pela pancada! Esperem-lhe pela volta!

Então, elle erguia-se na camara dos pares, ou na dos deputados, voltava-se para as minorias, voltava-se para as galerias, voltava-se para o paiz e dava a sua palavra d'honra «O meu unico desejo, disse na camara dos deputados, é governar com o parlamento. Se me é licito fazel-o, empenho n'isso a minha palavra d'honra.»

Assim empenhou a sua palavra d'honra nas duas camaras, nos centros, nas conferencias; e como duvidar da palavra d'honra de um homem tão honrado que, tendo praticado erros, não hesita em os reconhecer e se mostra sinceramente disposto a reparal-os?

Aquelles mesmo que mais duvidaram d'elle, acabaram por metter a viola no sacco e elle gosou durante algum tempo do consideravel prestigio dos homens de bem.

Afinal, um logro, um immenso logro, um desabalado logro, e aqui está o estado d'alma do paiz no presente momento (se assim nos ousamos exprimir) historico.— O paiz sente-se comido.

O paiz era sceptico e o scepticismo era a sua força. A sua força era a bonhomia. O *Zé Povinho* era assim — cheio de bonhomia sceptica. Não acreditava na politica. Ria-se dos politicos. No fundo desprezava-os. Vem este, falla, sugere, persuade, commove. O paiz escuta-o, deixa-se arrastar, deixa-se persuadir, deixa-se commover — e crê. E' a primeira vez que isto lhe succede, pelo menos desde 1851 e a paz de Gramido e com tão pouca sorte que é ludibriado!

D'este immenso logro resultou no entanto, uma vantagem. O paiz não torna a crer. Não cahe n'outra. D'ora avante os liberaes podem escarrar sangue, que ninguem os attenderá, e é sempre de vantagem despojar o coração de esperanças vãs.

Cá e lá

O governo suíço acaba de adoptar uma medida que tem sido vivamente commentada. Como os advogados e delegados estirassem demasiadamente os seus discursos, foi determinado que os discursos não excedam 20 minutos e as replicas 5.

E' bem acabado e bem entendido. Mas para nós não é positivamente a ultima palavra sobre reforma de materia judiciaria.

Cá arranjou-se uma lei de imprensa que, graças á celebridade das machinas de impressão de tiragens de 6, 8, 10, 12 e 16 paginas e á boa vontade dos srs.-drs. delegados da Boa-Hora, succede o seguinte.

Em cinco minutos.



a) Um sujeito escreve um artigo.



b) Um typographo compõe o artigo.
c) Um impressor imprime o jornal.



d) Um garoto vende-o.



e) Um sujeito, julga-se offendido.
f) Um delegado promove querella.



g) Um juiz acha que a querella está na conta.



h) O sujeito é julgado.
i) Condemnado.



j) Paga a multa.
k) E ainda cáe n'outra.

A eterna questão das carnes

Um consumidor escreveu uma carta cheia de consumições ao *Diario de Noticias* queixando se da pouca vergonha que vae por esses talhos, onde os marchantes fazem toda a casta de judiarias ao pobre comprador.



Diz o homem que os marchantes chegam ao desplante de esconder a carne barata no fundo do estabelecimento para impingirem á força a cara



ao comprador e que quando este não percebe da regedoria carnal lhe serve por cara a barata e por preço d'aquella.

O cavalheiro em questão zangado, e com razão, diz que n'esta questão das carnes o consumidor é sempre



PORTUGAL

ABSOLUTISTA



PUNYA
ROMANA

Neca

Ecce homo!

um bode expiatorio. Aqui se nos oferece fazer um pequeno reparo.

Se o consumidor é bode, custa-nos a crer que não conheça o boi por fôrma a distinguir o chãbão da aba descarregada.

Esta é das taes que deixa a gente



a matutar e a puxar pela pera, por muito pouco bode que se seja.

Termina o consumidor por alvitrar, no intuito de atenuar irregularidades, «uma postura em que se dê á fiscalisação poderes para vêr se os marchantes escondem a carne mais barata.»

E' uma ideia como qualquer outra, mas palpita-nos que não pega...

Esta, agora!...

Um cavalheiro anonymo que tem a peito a missão de civilisar Lisboa e n'esse sentido seringa constantemente o *Diario de Noticias* com cartas, escreveu ultimamente a este nosso collega uma das taes epistolas, na qual lemos com pasmo esta passagem:

Creia amigo redactor, que eu não tenho o sentimento da «má lingua» não, o que eu tenho é dó ao ver como tudo se descure n'este torrão abençoado, tão gabado pelos estrangeiros pelo seu aspecto, mas tambem tão censurado pela sua falta de «adelantamientos».

Com que então acha que ha falta de «adelantamientos»?



Não ponhas mais na carta. Já te matamos, anonymo!

Os cavallos na politica

Quando tomou assento nos conselhos da corda o sr. dr. Martins de



Carvalho — aqui ha dias — o illustre commandante da guarda fiscal teve a alegre ideia de levar toda a sua officialidade a cumprimentar o joven e talentoso ministro, que é uma das mais legitimas glorias do partido regenerador-liberal, e ha-de ser, se Deus quizer, enquanto houver lei de imprensa.

Mas o sr. commandante da guarda fiscal quiz fazer a coisa em grande e ordenou que a officialidade fosse a cavallo.



Os officiaes acharam o caso esquisito e fizeram ver delicadamente ao commandante a inconveniencia de metter os cavallos n'essas danças, tanto mais que muitos d'elles se haviam manifestado contra a marcha dos negocios politicos em energicas pare-



lhas de coices sabendo-se positivamente que se as opposições estavam com a sua ferrada contra o governo, cada cavallo estava com as suas quatro em identicas circumstancias.

A nada se moveu o illustre commandante e lá foi o distincto corpo de officiaes fiscaes em corpinho bem feito,



cada um em seu cavallicoque, ao Terreiro do Paço, onde o sr. Martins de Carvalho armava em D. Martinho de Aguiilar.

A numerosa cavalgada, chegou, apeou-se, limpou o pó das polainas e



e foi lá acima cumprimentar o sr. Martins, que ficou muito commovido com a lembrança e desatou a dar apertos



de mão, enquanto n'outra sala um orpheon de amanuenses cantava:



Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho, E' Fernando, é Martins, é Carvalho!



Por fim a commovente scena terminou, a officialidade retirou e cada um trepou para cima do seu cavallo.

O illustre commandante metheu o pé no estribo e com a perna erguida como a «Lagartixa» no *deixa andar, corra o marfim!* ia montar, quando o cavallo o cuspiu, indo s. ex.^a estabelecer-se na calçada.



Acudiram a s. ex.^a, ergueram-o e ajudaram-o a subir para o cavallo. O cortejo poz-se em marcha e o ajudante do coronel, chegando-se ao commandante murmurou:

— Eu não disse a v. ex.^a que os cavallos estavam na opposição!

E o commandante, muito baixinho:

— Pois olhe, o meu, pelo acto de



energia que acaba de praticar, parece muito pelo contrario...

O que nos espera

Batendo os dentes com terror, os cabellos em pé, o olhar mortico — tal



qual como no côro dos medicos do *Rei Damnado* lemos que um illustre sabio declarou que as nações occidentaes estão seriamente ameaçadas pelo mar, tendo a França perdido em meia duzia d'annos uns 200 hectares do seu territorio; a Hollanda submerge-se a pouco e pouco; as costas meridionaes da Noruega teem recuado em cem annos mais de 360 metros em toda a sua extensão (não se pode dizer que tem as costas largas) e *Portugal vê reduzir o seu territorio e está condemnado a desaparecer por agua abaixo ao cabo de algumas centenas d'annos.*

Algumas centenas d'annos?

Mas então o sr. João Franco ha-de viver tanto tempo?!

Resultados da moralidade na administração

Como se sabe a maioria—quasi totalidade—da camara municipal do Porto é composta de republicanos tezissimos, que tem feito, para honra d'elles e proveito da Cidade da Virgem, uma administração seria e intelligente.

Uma prova concludente da honestidade e-seriedade d'essa administração dá-a o correspondente no Porto de um diario de Lisboa, informando que o canil municipal da capital do norte rendeu só em abril 72,500 réis, e que antigamente não rendia por anno réis 5,500.

São systemas. As antigas administrações municipaes engordavam cães;



a republica mata-os. Está certo.

Temos, pois, um presidente do conselho que esfolava gatos; uma municipalidade que mata cães...



E o resto que o diga o sr. Luiz de Magalhães.

EXPEDIENTE

Capas

Estão à venda n'esta administração, ao preço de 700 réis, as capas para o setimo anno da «Parodia»--1906



A redacção da "Nação" decide pôr luminarias

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
 Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa
ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira	11/12	--	--
Madeira	3	9	--	Lourenço Marques ..	14/16	--	--
S. Vicente	--	1	--	Mossamedes	--	9	22
S. Thiago	--	14/15	28/29	Benguella	--	10/11	23/24
Príncipe	--	23/21	7	Lobito	--	12	25
S. Thomé	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	--	13	26
Cabinda	--	--	12	Loanda	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	--	13	Ambriz	--	17	30
Ambriz	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	--	31
Loanda	16	1/3	15/16	Cabinda	--	18	2
Novo Redondo	--	4	17	S. Thomé	28	20/22	4/6
Lobito	--	5	18	Príncipe	--	23	7
Benguella	--	6/7	19/20	S. Thiago	--	1	15
Mossamedes	--	8/9	21/22	S. Vicente	--	--	16
Lourenço Marques ..	25/2	--	--	Madeira	9	--	20
Beira	4/5	--	--	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Moçambique	7/9	--	--				

VAPORES : Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilete.

Preços e qualidade sem rival, egual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

Capas

Estão á venda n'esta administração, ao preço de 700 réis, as capas para o 7.º anno da "Parodia,, — 1906.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

No dia 1 de Maio de 1907 será posta em vigor a tarifa especial P. n.º 3 de grande velocidade, combinada com os Caminhos de Ferro do Estado (linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro) e Companhias dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta e Nacional de Caminhos de Ferro (linhas de Santa Comba a Vizeu e Foz-Tua a Bragança) para transporte de volumes de pezo não superior a 10 kilos.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa ou obtel-a por compra nas estações d'esta Companhia.

Lisboa, 10 de Abril de 1907.

O Director Geral da Companhia
A. LEPROUX.

No dia 1 de Maio de 1907 será posta em vigor a nova Tarifa Especial P. n.º 13 de grande velocidade, combinada com os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, para a venda de Bilhetes de ida e volta, a preços reduzidos, pela via Vendas Novas-Setil e pela via Barreiro-Lisboa.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa ou obtel-a por compra nas estações d'esta Companhia.

Lisboa, 17 de Abril de 1907.

Pelo Director Geral da Companhia
 O Engenheiro em Chefe de Via e Obras
FERREIRA DE MESQUITA

COMPAGNIE

DES

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dackar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

Sahirão os paquetes:

Cordillere, commandante Richard que se espera de Bordeaux em 13 de maio.

Para Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Atlantique, commandante Le Troadec que se espera de Bordeaux em 27 de maio.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para o Brazil 33\$500 réis.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para Montevideu e Buenos Ayres, 33\$000 réis.

Para Bordeus, em direitura

Chili, commandante Oliver, que se espera do Brazil em 16 de maio.

Magellan, commandante Dupuy Fromy que se espera do Brazil em 29 de maio.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey, Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.º.

Os Agentes,

Sociedade Torlades

32, Rua Aurea.

